

Dívida brasileira é até pequena, avalia Galvêas

Cartagena — A dívida externa brasileira é proporcionalmente menor que a dos países latino-americanos, em termos per capita, considerando-se a dimensão de seu território, sua população e sua produção, afirmou ontem o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, em entrevista no centro de convenções de Cartagena.

Galvêas reiterou que a comunidade internacional tem demonstrado interesse pela situação do Brasil, "dentro dos parâmetros do mercado". Por isso, ele acredita que o mesmo resultado deverá evoluir com relação aos demais países credores.

O ministro da Fazenda brasileiro destaca que o País, tem hoje uma grande experiência na manipulação de sua dívida externa, o que é um ponto importante no contexto da relação Credor/devedor, pois mantém permanente contato com as instituições financeiras, com governos e com a comunidade bancária privada dos países industrializados.

Ele assegura que os parâmetros em torno de negociações es-

tão sempre evoluindo, haja vista que os **spreads** estão menos rígidos, as comissões diminuem e os prazos aumentam.

A União Soviética enviou mensagem à reunião de chanceleres e ministros de Fazenda em Cartagena, externando preocupação com os problemas destes países no mercado financeiro internacional, e desejando resultados positivos nos entendimentos. A informação foi veiculada através de funcionário diplomático daquela nação no Brasil, e divulgada pelas emissoras de TV em Cartagena.

No centro de convenções em Cartagena foi divulgado ontem desmentido por parte do Equador de informação indicando que aquele país pretendia estancar seus pagamentos da dívida externa, a exemplo de medida, recente tomada pela Argentina. Os representantes do Equador na reunião de Cartagena negaram qualquer intenção do governo equatoriano nesse sentido.

A Venezuela, por sua vez, anunciou ontem que não recorrerá ao

Fundo Monetário Internacional para obter os recursos de que necessita para pagamento de sua dívida externa de 35 bilhões de dólares. Segundo o chanceler venezuelano, seu país tem condições que lhe permitem negociar diretamente com credores sua necessidade de recorrer ao FMI.

O chanceler Isidro Morales Paul comentou que o FMI deve tomar mais em conta a realidade política que cada país está vivendo e deixar de ver os problemas estritamente do ponto de vista monetário. A Venezuela está disposta a renegociar cerca de 11 bilhões de dólares de sua dívida e vê possibilidade de acordo com os bancos credores, pois está pretendendo negociar "com seriedade e dedicação".

O chanceler da República Dominicana José Augusto Veca Imbert, declarou ontem que a América Latina precisa de uma ampliação, "generosa" dos prazos para pagar sua dívida e realizar ajustes graduais em sua economia de forma que não fique em perigo a ordem social e a democracia nos países do continente.